

Mas, se a Morte parte os grilhões frageis do corpo, é impotente para dissolver as algemas inquebrantaveis do espirito.

Deixa que o teu coração prossiga, oficiando no altar da saudade e da oração; cantaro divino e santificado, Deus colocará dentro dele o mel abençoado da esperança e da crença, e, um dia, no portal ignorado do mundo das Sombras, eu virei, de mãos entrelaçadas com a Midoca, retrocedendo no tempo, para nos transformarmos em tuas crianças bem amadas. Seremos agazalhados então nos teus braços cariciosos, como dois passarinhos minusculos, ansiosos da docura quente e suave das asas de sua mãe, e guardaremos as nossas lagrimas nos cofres de Deus, onde elas se cristalizam como as moedas fulgurantes e eternas do erario de todos os infelizes e desafortunados do mundo.

Tuas mãos segurarão ainda o "terço" das preces inesquecidas e nos ensinarás, de joelhos, a implorar, de mãos postas, as benções prestigiosas do Céu. E, enquanto os teus labios sussurrarem de mansinho — "Salve Rainha... mãe de misericordia..." começaremos juntos a viagem ditosa do Infinito, sob o doce luminoso das nuvens claras, tenues e alegres do Amor.

TRAGO-LHE O MEU ADEUS SEM PROMETER VOLTAR BREVE

Apreciando, em 1932, o "Parnaso de Além Tumulo", que os poetas desencarnados mandaram ao mundo por intermedio de você, chamei a atenção dos estudiosos para a incognita que o seu caso apresentava. Os estudiosos, certamente, não apareceram. Deixando, porém, o meu corpo minado por uma hipertrofia renitente, lembrei-me do acontecimento. Julgára eu que os bardos "do outro mundo", com a sua originalidade estilar, se comprometiam pela eternidade da produção, no falso presuposto de que se pudessem identificar por outra fórmula. Encontrando ensejo para me fazer ouvir, através de suas mãos, escrevi crónicas póstumas que o Sr. Frederico Figner transcreveu nas colunas do "Correio da Manhã".

Não imaginei que o humilde escritor desencarnado estivesse ainda na lembrança de quantos o viram desaparecer. E as minhas palavras provocaram celeuma. Discutiu-se e ainda se discute.

Você foi apresentado como habil fazedor de pastiches e os noticiaristas vieram averiguar o que havia de verdadeiro em torno do seu nome.

Colheram informes. Conheceram a ho-

nestidade da sua vida simples e as dificuldades do seus dias de pobre. E, por ultimo, quizeram ver como você escrevia a mensagem dos mortos, como uma Remington acionada por dedos invisiveis.

Tive pena quando soube que iam conduzi-lo a um "test" e recordei-me do primeiro exame a que me sujeitei aí com o coração batendo forte.

Fiz questão de enviar-lhe algumas palavras, como o homem que fala de longe á sua patria distante, através das ondas de Hertz, sem saber se os meus conceitos serão reconhecidos pelos patricios, levando em conta as deficiencias do aparelho receptor e os desequilibrios atmosfericos. Todavia, bem ou mal, consegui falar alguma coisa. Eu devia essa reparação á doutrina que você sinceramente professa.

Esperariam, talvez, que eu falasse sobre os fabulosos canais de Marte, sobre a natureza de Venus, descrevendo, como os viajantes de Jules Verne, a orografia da Lua. Julgo, porém, que, por enquanto, me é mais facil uma discussão sobre o diamagnetismo de Faraday.

Admiraram-se, quando enxergaram a sua mão vertiginosa correndo sobre as linhas do papel.

A curiosidade jornalistica é agora levan-

tada em torno da sua pessoa. É possivel que outros acorram para lhe fazer suas visitas. Mas, ouça bem. Não me espere como a pitonisa de Endor, aguardando a sombra de Samuel, para fazer predições a Saul sobre as suas atividades guerreiras. Não sei movimentar as tripodes espiritistas e, se procurei falar naquela noite, é que o seu nome estava em jogo. Colaborei, assim, na sua defesa. Mas, agora que os curiosos o procuram, na sua ociosidade, busque, no desinteresse, a melhor arma para desarmar os outros. Eu voltarei provavelmente, quando o deixarem em paz na sua amargurada vida.

Não desejo escrever maravilhando a ninguém e tenho necessidade de fugir a tudo o que tenho obrigação de esquecer.

Fique-se, pois, com a sua cruz, que é bem pesada, por amor d'Aquele que acende o lume das estrelas e o lume da esperança nos corações. A mediunidade posta ao serviço do bem é quasi a estrada do Golgota; mas, a fé transforma em flores as pedras do caminho. Li aí, certa vez, num conto delicado, que uma mulher, em meio de sofrimentos acerbos, apelára para Deus, afim de que se modificasse a volumosa cruz da sua existencia. Como a filha de Scipião, vira nos filhos as joias preciosas de sua vaidade e do seu amor, mas, como Niobe, vi-

ra-os arrebatados no torvelinho da morte, impelidos pela furia dos deuses. Tudo lhe falhara nas fantasias do amor, do lar e da ventura.

— Senhor, exclama ela, porque me déste uma cruz tão pesada? Arranca dos meus ombros fracos esse insuportável madeiro!

Mas, nas asas brandas do sono, a sua alma de mulher viúva e orfã foi conduzida a um palacio resplandecente. Um Anjo do Senhor recebeu-a no pórtico, com a sua bênção. Uma sala luminosa e imensa lhe foi designada. Toda ela se enchia de cruzes. Cruzes de todos os feitos.

— Aqui — disse-lhe uma voz suave — guardam-se todas as cruzes que as almas encarnadas carregam na face triste do mundo. Cada um desses madeiros traz o nome do seu possuidor. Atendendo, porém, à tua suplica, ordena Deus que escolhas aqui uma cruz menos pesada do que a tua.

A mulher preferiu conscientemente aquela cujo peso competia com as suas possibilidades, escolhendo-a entre todas.

Mas, apresentando ao Mensageiro Divino a sua preferencia, verificou que, na cruz escolhida, se encontrava insculpido o seu próprio nome, reconhecendo a sua impertinencia e rebeldia.

— Vai! — disse-lhe o Anjo — com a tua cruz e não descreias. Deus, na sua misericordiosa justiça, não poderia macerar os teus ombros com um peso superior ás tuas forças.

Não desanime, portanto, na faina em que se encontra, carregando esse fardo penoso que todos os incompreendidos já carregaram. E agora que os bisbilhoteiros o procuram, trago-lhe o meu adeus, sem prometer voltar breve.

Que o Senhor derrame sobre você a sua benção que conforta todos os infortunados e todos os tristes.